

## O LEGADO E A SAGESSE DE PIERRE CHARRON: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Camila Lima<sup>1</sup>  
José Geraldo da Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto tem por intuito apresentar algumas considerações, de caráter introdutório, acerca da obra *De la Sagesse* (1601), de Pierre Charron (1541-1603), apontando para a importância de seu legado no que concerne ao pensamento francês do século XVII. Tendo influenciado grandes nomes da filosofia seiscentista, como Descartes (1596-1650) e Pascal (1623-1662), encontrando consideráveis críticos, leitores e admiradores no período, Charron, embora tenha oferecido uma contribuição crucial para o tipo de reflexão que marca a modernidade filosófica, foi secundarizado na história da filosofia; fato que nos permite, ao menos, perguntar: por quê?

**Palavras-Chave:** Filosofia; Ceticismo; Séc. XVII

A filosofia está intrinsecamente associada à condição humana. O seu desenvolvimento retrata o amor e o encantamento com a sabedoria. O filósofo, em conformidade com o próprio sentido etimológico do termo é um amigo da sabedoria. O presente artigo demonstra como a obra de Charron “Pequeno tratado de sabedoria” permanece atual e relevante na sociedade contemporânea

Em 2005, por ocasião da tradução do *Petit traité de Sagesse* (1606) para a língua portuguesa, José Raimundo Maia Neto, em sua *Apresentação* à obra, chamava a atenção para o fato de ser praticamente desconhecido do público brasileiro o pensamento de Pierre Charron (1541-1603). Até o ano em questão, nenhuma obra do filósofo tinha sido vertida para o português e o único estudo dedicado a seu pensamento era o de autoria de Richard Popkin (1923-2005), datando de 1985. Para Maia Neto, Charron, apesar de ter sido, em termos históricos, “obscurecido” pela originalidade e pelo grande talento de Montaigne (1533-1592) – a quem conheceu pessoalmente, estabelecendo uma estreita amizade (Bayle), e de quem recebeu forte influência –, é “uma figura central no desenvolvimento da filosofia moderna, em especial do século XVII”.<sup>3</sup> Popkin, em

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia Moderna (PUC-Rio/CNPq).

<sup>2</sup> Professor Adjunto doutor no Programa de Pós Graduação Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio.

*Charron e Descartes: os frutos da dúvida sistemática* (1985/1996), afirma, no mesmo sentido, que Charron “é quase completamente desconhecido e não reconhecido, embora mereça ser considerado um dos pais da filosofia moderna”.<sup>4</sup>

Dentre os principais motivos que justificam a importância de Charron para o estudo da filosofia do século XVII, podemos destacar os seguintes: a) a difusão do ceticismo e do pensamento de Montaigne; b) o estabelecimento do ceticismo como um aliado da fé cristã; e c) a preparação do terreno em que se desenvolve o pensamento dos céticos do início do século XVII, denominados *libertins* e *érudits*.

Embora pelo testamento de Michel Eyquem tenha recebido apenas o direito de uso do brasão familiar do autor dos *Ensaíos*,<sup>5</sup> Charron pode ser visto como o maior herdeiro de Montaigne. Jean-Pierre Camus (1584-1652) e François de La Mothe Le Vayer (1583-1672) são também apontados como importantes discípulos e continuadores do estilo e do pensamento de Montaigne, mas foi Charron quem, decisivamente, soube concentrar e difundir o espírito montaigniano.

Essa ampla influência de Montaigne – sobretudo na obra *De la Sagesse* (1601) – rendeu, no entanto, um prejuízo a Charron: foi vista por alguns como empobrecedora, e já no século XVII surgiu uma acusação de plágio que o apontava como um reproduzidor dos escritos de seu mentor e amigo.<sup>6</sup> Além disso, tendo Montaigne como parâmetro, certos leitores da obra de Charron acharam-na “inferior” e sem o brilho e o deleite oriundos da leitura do autor dos *Ensaíos*. Pascal (1623-1662), p. ex., não poupa Charron nos *Pensamentos*, ao se referir aos 117 capítulos da *Sagesse* como “divisões que entristecem e aborrecem”.<sup>7</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. a Apresentação de Maia Neto à tradução brasileira do *Pequeno tratado de Sabedoria (Petit traité de Sagesse)*, p. 7-12.

<sup>4</sup> Popkin, *Charron e Descartes: os frutos da dúvida sistemática*, p. 11.

<sup>5</sup> Cf. *Vie de Charron*, p. XIV: « Montaigne [...] par une clause de son testament, permit à son ami [Charron] de porter les armes de sa maison ».

<sup>6</sup> Esse tipo de interpretação perdurou até boa parte do século XIX e apenas na segunda metade do século XX é que podemos identificar estudos que procuram apontar noutra direção. Na *Vie de Charron*, publicada no primeiro livro da edição de 1827 de *De la Sagesse*, feita por Amaury Duval, ainda encontramos essa ideia de plágio (hoje já descartada por alguns intérpretes) através das seguintes palavras: « Il [Charron] se pénètre si bien des maximes, des opinions de son maître [Montaigne], qu'il crut dans la suite qu'elles lui appartenaient en propre: et quelquefois, sans même s'en douter, il fut plagiaire ». Sobre esse assunto, conferir o interessante artigo de Jean Daniel Charron: *Did Charron Plagiarize Montaigne?* in *The French Review*, vol. 34, no. 4 (feb., 1961), p. 344-351.

<sup>7</sup> No original: « Des divisions de Charron, qui attristent et ennuient » in PASCAL, Blaise. *Pensées*. L. 780. Trad. bras. de Mario Laranjeira. *Pensamentos*. (Ed. Lafuma) São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 308.

Mas o aspecto interessante, o que merece atenção por parte dos leitores do autor do *De la Sagesse*, é que a marca montaigniana nos escritos de Charron não só tornou acessível o conjunto de ideias presentes nos *Ensaio*s, como também possibilitou que Montaigne fosse mais discutido por leitores não habituados à sua escrita assistemática, que alguns (principalmente os acostumados com a argumentação e com os típicos tratados de estilo escolástico) julgavam até mesmo confusa. Conforme indica Popkin, além de apresentar didaticamente o *nouveau pyrrhonisme* e torná-lo teologicamente respeitável, Charron teria estabelecido uma ponte entre o ceticismo de Montaigne e as controvérsias religiosas de sua época.<sup>8</sup>

No *Dictionnaire Historique et Critique* (1820), de Bayle (1647-1706), encontramos um elucidativo artigo sobre Charron. Nele, Bayle menciona as acusações de plágio, as duras – e, conforme diz, “injustas” – críticas feitas a Charron pelo jesuíta François Garasse, além de descrever relevantes fatos que mostram que Charron foi mais do que um “facilitador” do pensamento montaigniano. Predicador de notável eloquência, Charron foi disputado por diversos bispos, interessados em atraí-lo para suas dioceses, foi escolhido pela rainha Margarida como seu *prédicateur ordinaire* e teve como frequentador de seus sermões Henrique IV.<sup>9</sup>

70

Pensador eclético, além da influência de Montaigne e do ceticismo em suas vertentes acadêmica e pirrônica, Charron revela uma forte marca – sobretudo no que tange à elaboração de sua teoria moral – do estoicismo.<sup>10</sup> Tais habilidades contribuíram para que sua *Sagesse* se transformasse numa espécie de “Breviário” dos céticos do séc. XVII, os chamados *libertins érudits*. Para um deles, Gabriel Naudé (1600-1653), bibliotecário dos cardeais Richelieu e Mazarin, e da rainha Cristina, da Suécia, o *De la Sagesse*, de Charron, era, depois da Bíblia, o melhor de todos os livros.<sup>11</sup>

O que dizia, então, a *Sagesse* de Charron para ter gerado tanta polêmica e chegar a figurar entre os livros favoritos de um libertino? Em primeiro lugar, o que parece ter ficado muito evidente para os leitores e contemporâneos de Charron é seu entusiasmo

---

<sup>8</sup> Cf. POPKIN, *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*, cap. III, e POPKIN, *Charron e Descartes: os frutos da dúvida sistemática*.

<sup>9</sup> Cf. BAYLE (1820); POPKIN (2000) e *Vie de Charron* (1827).

<sup>10</sup> Vale lembrar que Charron foi contemporâneo de Guillaume du Vair (1556-1621) – importante difusor da doutrina estoica entre os intelectuais de seu tempo –, cujo pensamento e contato certamente serviram-lhe de inspiração.

<sup>11</sup> C. POPKIN, *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*, cap. V, p. 157.

elogio do ceticismo. Longe de apresentar a filosofia dos pirrônicos e dos acadêmicos com a *nonchalance* de Montaigne, Charron a expôs com tanto empenho que definiu a atitude cética como “regra da Sabedoria”. Contudo, foi seu ataque às crenças, aos sentimentos e às superstições populares um dos pontos mais controvertidos de sua obra. Sua afirmação de que é preciso que o Sábio considere, examine e julgue todas as coisas, não devendo deixar *nada* escapar sem que se tenha colocado sobre a mesa e a balança<sup>12</sup> foi mal vista por seus críticos, que viram nela um conflito com as “verdades da religião”. Além de ter a *Sabedoria* classificada como um “seminário de impiedades”, Charron apareceu no catálogo dos “ateus” mais perigosos (*dangereux*) e perversos (*méchants*), do Pe. Garasse.<sup>13</sup>

Desde seu lançamento, em 1601, o livro de Charron provocou reações antagônicas, favoráveis e desfavoráveis. Enquanto alguns religiosos consideravam-no como um importante instrumento filosófico da Contra-Reforma, outros viam nele uma ameaça a todas as crenças – as religiosas, em especial. O ceticismo professado por Charron em sua obra foi criticado principalmente pelo fato de os intérpretes não conseguirem observar nele um limite. A dúvida e a suspensão do juízo (*epokhē*) foram condenadas porque, segundo supuseram os opositores, poderiam se estender às verdades da fé cristã – algo que seria intolerável. Não foi simples tarefa de Charron. Precisou rever, reescrever, “adocicar” e retificar diversas passagens de seu texto.<sup>14</sup> Quando os “quase infinitos obstáculos” (Bayle) que se interpunham à segunda edição do *De la Sagesse* foram superados e a obra foi impressa em 1604, Charron já estava morto.

Em 1606, veio a público outro texto interessante de Charron, o póstumo *Petit traité de Sagesse* (*Pequeno tratado de Sabedoria* [2005]), que serviu como síntese do grande tratado, e de resposta a seus críticos. Nele, em poucas e esclarecedoras páginas, Charron indica os traços da Sabedoria humana – distinguindo-a da Sabedoria divina (matéria da teologia) e da “Sabedoria” mundana ou do vulgo (baixa e dispensável) – e tem a chance de, pela última vez, corrigir as imprecisões dos intérpretes e atestar a relevância de seu ceticismo.

<sup>12</sup> CHARRON. *Pequeno tratado de Sabedoria*. p. 32.

<sup>13</sup> Cf. BAYLE. *Dictionnaire Historique et Critique*, p. 90.

<sup>14</sup> Cf. o verbete sobre Charron no *Dictionnaire du Grand Siècle*, de François Bluche, p. 312.

Assim como Montaigne, Charron entende que “a verdade não é de nossa aquisição, invenção nem apreensão”.<sup>15</sup> Não podemos chegar a ela, ou, dizendo de forma mais justa, não podemos alcançá-la por nossos próprios esforços. Nossa compleição *natural* nega-nos tal feito. Embora tenha sido criado por Deus para conhecer a verdade (é assim que pensa Charron), o homem é incapaz de conhecê-la por si mesmo. É preciso que Deus a revele a ele. Mas essa “revelação” de que fala Charron requer de seu pretendente um passo: é preciso que este esteja pronto e esperando para receber a verdade, caso ela se apresente.

Para Charron, nenhuma doutrina parece ser mais propícia do que o ceticismo para realizar esse trabalho de preparação; ele (o ceticismo) “é algo que presta mais serviço à piedade e à operação divina que qualquer outra coisa”, e isso, “tanto no que diz respeito à sua geração e propagação, quanto à sua comunicação”.<sup>16</sup> Como o ceticismo poderia atuar como favorecedor da revelação divina? A resposta está em sua função de *nettoyage*, de varredura ou expurgo de todas as opiniões falsas e fantasiosas, pelas as quais, frequentemente, nos deixamos contaminar, bem como de todas as coisas que criam em nós uma indisposição e um impedimento para que tenhamos uma conduta mais sábia e menos propensa a aderir de modo opiniático, apaixonado e resoluto àquilo que para nós se apresenta.

A palavra de ordem da *Sabedoria* charroniana é a seguinte: é preciso *nettoyer l'esprit*; preparar bem a nossa alma para receber e tornar possível a operação divina, deixá-la própria para receber sua impressão. Através do *nettoyer l'esprit* a alma humana ficaria limpa, vazia, desnudada e despojada de “toda opinião, crença e afecção”; ficaria como uma “carta branca” (*carte blanche*), na qual Deus poderia imprimir o que lhe agradasse.<sup>17</sup> É importante que o homem realmente se torne como uma *carte blanche*

---

<sup>15</sup> CHARRON. *Pequeno tratado de Sabedoria*. p. 39.

<sup>16</sup> Id. *Ibid.*, p. 67-68.

<sup>17</sup> Cf. CHARRON. *Pequeno tratado de Sabedoria*. p. 68-69. Também Montaigne apresenta uma ideia bastante similar a essa que Charron expõe em *Ensaíos*, II, 12: “Não há na imaginação humana nada que tenha tanta verossimilhança e utilidade [quanto a doutrina pirrônica]. Ela apresenta o homem nu e vazio, reconhecendo sua fraqueza natural, apropriado para receber do alto uma força externa, desguarnecido de ciência humana e portanto mais apto para alojar em si a divina, anulando seu próprio julgamento a fim de dar mais espaço para a fé; nem descrendo nem estabelecendo algum dogma contra as observâncias comuns; humilde, obediente, disciplinável, zeloso; inimigo jurado da heresia e conseqüentemente isentando-se das ideias irreligiosas e vãs introduzidas pelas falsas seitas. É uma tábula rasa [*carte blanche*] preparada para assumir pelo dedo de Deus as formas que a este aprouver nela gravar.” Trad. bras. Rosemary Costhek Abílio, São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 260.

porque, como diz Charron, “o cartão pintado de uma cor não é capaz de receber as outras [cores], o branco o é de todas.”<sup>18</sup>

À objeção de que aquele que adotar a “Sabedoria cética” estenderá a dúvida e a suspensão (componentes característicos na recepção do ceticismo na modernidade) aos assuntos de fé – nos quais seria preciso crer sem cambalear – Charron responde com sua já célebre máxima: “Nunca um Pirrônico e um Acadêmico serão heréticos.”<sup>19</sup> Heresia e ceticismo são, para o autor da *Sabedoria*, coisas opostas. Se os críticos porventura aceitarem a alegação de que o cético jamais será herético e concluírem, no entanto, que ele também nunca será cristão ou católico, “pois será neutro e suspenso, tanto em uma, quanto em outra”, Charron esclarece: “É compreender mal o que foi dito, pois não há suspensão no que concerne a Deus”.<sup>20</sup>

Parece que “compreender mal” foi exatamente o que alguns leitores de Charron fizeram. Mesmo tendo chegado a ter sua obra defendida no século XVII por Saint-Cyran (1581-1643) – principal difusor da doutrina inspirada por Cornelius Jansenius (1585-1638), o jansenismo, forte opositor do jesuíta e crítico da *Sagesse* charroniana, Garasse – e influenciado pensadores como Descartes, Pascal e Gassendi, além da já citada *libertinage érudit*, Charron foi negligenciado pela História da Filosofia e isso nos impede de ter visto uma importante e interessante relação de seu pensamento *avant-garde* com outras filosofias que se caracterizam também por uma significativa ruptura com a tradição, como é o caso de Nietzsche (1844-1900), cuja concepção moral revela nuances já identificadas em Charron.

O que chama muito a atenção no ceticismo de Charron é a entusiasmada defesa de uma ampla liberdade de pensar, julgar, examinar e agir. Charron, na história das ideias, aparece como o primeiro autor a propor uma virtude e uma moral autônomas, independentes de todo fundamento religioso, e não cerceadas pelas promessas e pelos terrores apregoados pela Igreja. A esperança de uma recompensa numa vida futura ou o temor do inferno ou do que sucede após nossa passagem pelo mundo não devem influenciar nem tampouco determinar nossas ações. O homem que é de fato virtuoso,

<sup>18</sup> CHARRON. *Pequeno tratado de Sabedoria*. p. 41.

<sup>19</sup> Id. *Ibid.*, p. 69. Essa fórmula também aparece em *D e la Sagesse* II, 2, p. 55: « jamais academicien ou pyrrhonien ne sera heretique. » [sic].

<sup>20</sup> CHARRON. *Pequeno tratado de Sabedoria*. p. 69.

livre, que traz em si uma interioridade robusta e autônoma, não pode agir tendo em vista o que determina o exterior.

Apesar de mostrar-se conservador ao defender que o homem sábio deve respeitar e seguir os costumes de seu país, dispensando condutas extravagantes, que poderiam chocar e ferir os olhares de seus concidadãos, Charron enfatiza a necessidade de libertação da opinião comum, a opinião do vulgo (*vulgaris opinio*); para o amigo de Montaigne, o homem precisa se afastar do mundo – palco da opinião – para cultivar uma probidade ímpar (a chamada *preud'homie*).

Acerca das violentas reações às proposições charronianas que foram vistas como “polêmicas” e até mesmo “intoleráveis”, podemos apresentar as seguintes considerações: ou Charron contou com pouca condescendência – ou mesmo teve rasa disposição intelectual – por parte de seus críticos e adversários, e daí, obviamente, foi mal compreendido, mal interpretado – o que justificaria a rejeição e condenação de sua obra – ou, em vez disso, foi sim devidamente lido, tendo seus mais importantes leitores antevisto, entretanto, um grande perigo numa obra que exaltava a liberdade do homem, uma conduta autônoma, de observação e respeito às leis e aos costumes do próprio país e também dos outros povos, apresentando como ideal uma vida crítica, examinada, isenta de qualquer condenação, mas também isenta de um tipo de jugo e do cultivo de interesses convencionais, os quais determinadas doutrinas de caráter dogmático não podiam admitir, tendo por isso a obrigação de não só criticar e impedir a difusão de um tal pensamento, mas também a missão de apontar seus perigos, seus erros, e fazê-lo ser superado e condenado ao esquecimento.

74

### **Considerações finais**

À guisa de conclusão, podemos afirmar que as polêmicas e controvérsias elucidadas a partir do modo como Charron concebe sua filosofia oferecem significativas contribuições ao pensamento moderno. O autor expôs com tanto empenho o seu pensamento, que definiu a atitude cética como “regra da Sabedoria”. É, portanto, a sabedoria que nos faz mudar e sua aquisição tem como exigência uma preparação da alma e do espírito para recebê-la. Em função de tal concepção filosófica, faz sérios ataques às crenças, aos sentimentos e às superstições populares. Isso permite concluir que o sábio necessita considerar, examinar e julgar todas as coisas, não devendo deixar

nada escapar sem que se tenha colocado sobre a mesa e a balança. Obviamente tal modo de pensar provocou reações antagônicas, favoráveis e desfavoráveis. Enquanto alguns religiosos consideravam-no como um importante instrumento filosófico da Contra-Reforma, outros viam nele uma ameaça a todas as crenças, em especial as religiosas.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique et Critique*, tome 5, Paris : 1820.
- CHARRON, Pierre. *De la Sagesse* (trois livres), t. I e II, Paris: Rapilly, Passage des Panoramas, 1827. Edição eletrônica disponível no site da Bibliothèque nationale de France (BnF)/Gallica - Bibliothèque Numérique.
- CHARRON, Pierre. *Pequeno tratado de Sabedoria*. Trad. Maria Célia Veiga França; apresentação e notas José Raimundo Maia Neto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CHARRON, Jean Daniel. *Did Charron Plagiarize Montaigne?* in *The French Review*, vol. 34, no. 4, Feb., 1961, p. 344-351.
- MAIA NETO, José Raimundo. *De Montaigne a Pascal: do Fideísmo Cético à Cristianização do Ceticismo*. in *O que nos faz pensar – Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio [especial sobre ceticismo]*, nº8, novembro, 1994, p. 62-71.
- MARCONDES, Danilo. *Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o ceticismo moderno*. in *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 53, nº 126, Dez./2012, p. 421-433.
- MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Édition de Pierre Villey, revue par V. Saulnier, conforme au texte de l'exemplaire de Bordeaux (édition en un seul volume). Paris : Presses Universitaires de France, 2004.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*s. Ed. Pierre Villey (livros I, II e III). Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000,2002,2006.
- POPKIN, Richard H. *Charron e Descartes: Os frutos da dúvida sistemática*. in POPKIN, Richard H. *Ceticismo*. Org. Emílio M. Eigenheer. 2ª ed. Niterói: EDUFF, 1996, p. 11-17 (1ª ed. [trad. bras.] 1985; versão original publicada no *The Journal of Philosophy*, Vol. 51, no. 25, p. 831-837, sob o título *Charron and Descartes: The Fruits of Systematic Doubt* ).
- POPKIN, Richard H. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p. 108-118 (a respeito de Charron).
- BLUCHE, François. *Dictionnaire du Grand Siècle*. Paris : Fayard, 2005. Verbetes Charron, p. 312.
- FERRATER MORA, José. *Dicionário de Filosofia*, tomo I (A-D). 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. Verbetes CHARRON, Pierre, p. 441.